



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE ARTES  
PROGRAMA PRÓ-LICENCIATURA – LICENCIATURA EM TEATRO

# **Teatro e Ritualização: Uma questão de evolução para uma Educação Cultural**

**RENATO GOMES MACHADO**

ORIENTADOR(A): Prof. Jorge das Graças Veloso

Brasília – DF, 2013



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE ARTES  
PROGRAMA PRÓ-LICENCIATURA – LICENCIATURA EM TEATRO

## **Teatro e Ritualização: Uma questão de evolução para uma Educação Cultural**

**RENATO GOMES MACHADO**

MAT: 08/65885

ORIENTADOR(A): Prof. Jorge das  
Graças Veloso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa Pró-licenciatura de Teatro da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do grau de Licenciado (a) em Teatro, sob orientação do Prof. Jorge das Graças Veloso.

Brasília – DF, 2013.

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 201\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof(a) Orientador(a) e Titulação

---

Prof (a) e Titulação

---

Prof(a) e Titulação

Dedico este trabalho primeiramente a Deus e depois aos meus pais Antonio e Abadia fonte de toda a arte em minha vida, mas, sobretudo ao meu pai, que com a graça de ser Cearense, traz para minha vida a graça de poder fazer parte desse mitológico mundo de riso e fé que os cearenses têm.

Agradeço a Deus por ser Palhaço! E que toda a arte seja como ela venha a ser concebida conduza o mundo a magia do picadeiro de um circo diante da graça de um Palhaço!

## RESUMO

Pensando na experiência religiosa com o teatro e as divergências e polêmicas que o tema causa, a proposta do trabalho é tomar uma dimensão bem inspirada pelas disciplinas de História do Teatro I e História da Arte I, quando nos remetemos a retirar o verdade de uma compreensão da origem do teatro além da Grécia Antiga que o "Ser Humano", sempre se ligou a dramaturgia mesmo que inconscientemente. Este vivia rituais ensaiados para celebrar suas divindades, então isso já era teatro, o que hoje chamamos de Cultura, é a mais bela forma de interpretação teatral, que surge em forma de ritual e de fé, e vai inspirar todas as crenças desde o cristão – católico, cristão – protestante, espiritualistas, etc. E levarem para o ritual ensaiado da melhor forma possível sua fé e crença num ser DIVINO, seja como sua crença admita.

Passamos também pela percepção da Educação de Rituais, perceber que as Culturas e Civilizações sempre ensinaram seus rituais e que dessa forma podemos criar um conceito não somente de Educação pela Arte, mas da Fé pela Arte. Ensinar as gerações como se crer e em que se crer usando de rituais ensaiados. Construindo assim, uma linha Tênué entre a prática da Educação e da Dramaturgia ligada ao Ritual da Fé, principalmente pela Experiência do trabalho docente do autor pelo campo da Evangelização e da Arte Dramática da interpretação de valores morais e de fé.

Palavras - Chaves: Fé - Ritual – Fogo - Interpretação – Educação – Catequese - Adoração - Humano - Divino - Condição de Adoração - Cultura – Arte.

# SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO 01 – O Homem se Relaciona com a Natureza</b>	
1.1. O Instinto Evolutivo .....	10
<b>CAPÍTULO 02 - A Razão que provoca o processo de evolução do Ritual</b>	
2.1. O Processo de Divinização do Ritual .....	14
2.2. O Ritual como Processo de Interpretação .....	16
2.3. O Rito Sagrado ou Teatro da Fé .....	17
<b>CAPÍTULO 03 – O Ritual como Instrumento de Educação Cultural</b>	
3.1. A História da Arte – Educação como presença na Evolução da Fé e da Educação .....	21
3.2. O Ritual Amadurece o homem .....	24
3.3. A Consciência da Educação Ritual para um Rito Teatralizado da Fé .....	25
<b>CAPÍTULO 04 – Memorial da Experiência Como Evangelizador, Educador e Ator</b>	
4.1. Quando Tudo Começou .....	27
4.2. O Teatro na Igreja .....	27
4.2.1. Paixão de Jesus Cristo Segundo Todo Mundo .....	27
4.2.2. Serginho Leão, um inspirador que não pude ter a graça de conviver de perto .....	28
4.3. A Contribuição de Jerzy Grotowsky e Augusto Boal em minha prática .....	28
4.4. A Profissionalização e o Amadorismo .....	30
<b>CAPÍTULO 05 - Considerações Finais: Ritual, Ensaio e Fé – Proximidade do Homem e de seus valores morais.</b>	
5.1. A Pobreza do Teatro de Jerzy Grotowsky e a Riqueza para o Ritual da Fé .....	32
5.3. Acreditar por meio da Arte Concreta é Ser Artífice da Fé .....	33
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>35</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>37-59</b>

## INTRODUÇÃO

O Trabalho aqui escrito busca tentar compilar informações que possam contribuir para o respeito à diversidade da fé. Enxergar que o teatro é uma forma muito rica e das mais primitivas de ensinar a crer. No decorrer do curso de Licenciatura em Teatro as Disciplinas de História do Teatro I e História da Arte I, possibilitaram a formação de ideologias e compilação de experiências com o Teatro Engajado de modo que seria impossível não reunir nessa dissertação experiências de uma docência do ensino de Teatro na Educação Básica e no Terceiro Setor que fortalecem a crença em um ser Divino.

No Primeiro Capítulo, vamos pensar a relação homem e natureza e a evolução de sua razão. Perceber que não é possível acreditar em um conceito Greco-originário do teatro, quando tantos rituais provam a existência dessa Arte ligada a religião e a cultos sagrados bem anteriores a Grécia.

O Segundo Capítulo, já nos remete ao processo de divinização do ritual de modo a percebermos que este liga o teatro e a fé as ciências da natureza para que se possa compreender a interpretação da fé.

Possibilita-nos perceber que por muitas vezes a verdade artística foi deturpada em seus protagonistas quando elevou o mito dos homens e heróis masculinizados e exclui ou cita superficialmente a presença da mulher de forma a protagonizar, principalmente na Grécia e Roma suas ações e feitos heroicos. Subjugando – a apenas como esposa ou conselheira dos deuses, e mesmo como canal para que nascessem os semi-deuses, logo, genitoras somente de heróis homens. Por vezes veremos muitos momentos que a mulher não é protagonista da arte e muito menos das outras ciências da humanidade na antiguidade clássica, a ponto de que ao homem seja dado codinomes femininos para minimizar esse “machismo”.

No Terceiro Capítulo, traçamos uma visão da Arte-Educação no Brasil e a sua influência na Formação de Professores de Teatro no país, retornando aos rituais litúrgicos que se tornam uma oportunidade de amadurecer o homem, ensinar a sua fé e formar socialmente de modo a possibilitar o Ensino de uma consciência Religiosa que abrange uma diversidade Cultural.

O Quarto Capítulo, traz uma trajetória do trabalho do autor como arte-educador em teatro até a sua formação como de fato professor e ator. Valorizando a experiência

de atuar na produção de Teatro Engajado na Liturgia Católica Romana de modo a transmitir a fé e a Educação Cultural Cristã.

No Quinto Capítulo, o autor liga as experiências de Grotowsky e seu “teatro pobre” e as possibilidades de alimentar a fé do indivíduo pela comoção das ações físicas do ator e/ou do ritualizadas do dirigente litúrgico dos rituais seja qual for a fé ou credo, como artifícios de Educação da Fé.

Por fim, o Trabalho é a tentativa de que através da Licenciatura em Teatro e principalmente da coletivização do Ensino através da Educação à Distância se possa fazer uma ponte para o respeito a Diversidade Cultural no Ambiente Escolar e conseqüentemente Social do País.

## Capítulo 1 - O homem se relaciona com a natureza

Relações! O ser humano sempre se preocupou com as suas relações e antes que se perguntassem Quais relações? Vamos dar aqui como fato todo: (família, amigos, consigo mesmo, com suas crenças), o relacionar-se é parte da evolução do homem. Portanto, para o teatro o ser humano sempre se relacionará de qualquer modo que se proponha e precisará do outro. Mas antes de falar do teatro, vamos falar das fontes primeiras. O homem precisou evoluir, precisou aprender, precisou acreditar o que agora se vê como arte e como dramaturgia, é exercício da fé, do ato de crer, sim, a fé impulsiona os atos humanos, mesmo que instintivamente às ações e às manifestações dramáticas para expressar seu pensar, seu agir, seu ser, se não fosse pela fé o homem seria um animal, no sentido instintivo de se definir, a razão é em virtude da fé.

*“A fé e a razão (fides et ratio) constituem como as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade”. (Encíclica Fé e Razão- João Paulo II).*

Interpretar é se permitir ser elevado pelo que se acredita, sem perder a racionalidade e se perceber frente a frente com a verdade. Somos criaturas de um “ser” que nos deu capacidade de evoluir ou então seríamos meros animais instintivos e vorazes.

### 1.1- O instinto evolutivo

O homem é passível de evoluir. Se isso não acontecesse, estaríamos a milhões de anos atrás, nas ações e não teríamos os conhecimentos do hoje. A ciência não seria o que é se o homem não tivesse evoluído. Foram ritos que levaram o hominídeo a evoluir.

Sim, rito! Parece um tanto quanto ousado, mas perceba a historia. O contato dos primevos com o fogo, e vamos traçar aqui com a percepção desse elemento a evolução do homem, tribos não conheciam tribos já o dominavam. De alguma forma esse elemento se constituiu algo que fez o homem buscar uma evolução, buscar aprender, e nisso, o homem primata passa pelo processo que o conduziu ao homo-sapiens.

Percebeu-se assim que o homem adquire conhecimento, começa a crescer a noção de valores, liderança, relações interpessoais, definições dos conceitos de gênero, o homem passa para uma odisseia evolutiva e crer que algo mais o observa é parte disso. Começa-se por aí a percepção da fé em seres superiores. Partindo assim de um assunto sobre fé, vamos a outro trecho da encíclica fides et ratio.

*O Ritual deve levar a assembleia a se ligar a um ideal, a um propósito. Sendo assim, a interpretação é uma parte importante do ritual, se bem interpretado leva o receptor a compreensão do que se está ritualizando. Para os adeptos do Islã (muçulmanos), mantém-se até o hoje rituais importantes como a apresentação no templo, à circuncisão, matrimônio e morte. O ritual é uma forma de ligar o humano ao que ele considera sagrado<sup>1</sup>.*

Não vamos aqui querer mostrar e citar rituais de vários grupos e culturas, que são infindos, mas vamos aqui dizer, todo rito tem uma interpretação da fé, sendo isto o que garante a eficácia da mensagem que será transmitida. Ritual é interpretação e interpretação é teatro. Mesmo que contrarie a algumas opiniões de que ritos sagrados não é teatro, mas pode-se afirmar que toda interpretação que necessite de ensaio, de sequencias de realização, daí dizer que é uma forma de interpretação; e isso é teatro. Sendo assim, é garantia de que o povo ou assembleia que ouvirá, assistirá, sentirá o efeito final desse ritual, por isso, todo rito deve ser ensaiado, logo, o teatro não pode ser descartado diante dessa verdade ritualizada.

O questionamento sobre o ser? O quem sou eu? Ou de onde viemos? Ou para onde vamos? Que permeia a evolução, daí nada é verdade absoluta, a não ser o que diz respeito a que o homem em sua história procura encontrar-se com a verdade e a face do seu criador e de meios para comunicar-se com Ele. O primeiro hominídeo tem ligações matemáticas com a sua origem. O quantificar seus bens, seus objetos, o medirem seu espaço, são raciocínios para se provar a verdade. A Matemática procura a verdade e procurando-a depara-se com exatamente a situação de ritualizar o ensino e a ciência.

*A Matemática é, desde os gregos, uma disciplina de foco nos sistemas educacionais, e tem sido a forma de pensamento mais estável da tradição mediterrânea que perdura até os nossos dias como manifestação cultural que se impôs incontestada, às demais formas<sup>2</sup>.*

Evoluir está ligado exatamente com a busca das verdades, das ciências do conhecimento. O homem tendo seus rituais de conhecimento, busca neles a fortaleza da verdade, para que sejam comprovados e assim a cada dia evoluam mais e mais diante dessa busca do conhecimento da verdade. A razão por fim é o radar, o sonar, que nos

---

<sup>1</sup> *Fides Et Ratio – Encíclica do Santo Padre Papa Joannes Paulus II – Vaticano.*

<sup>2</sup> D'Ambrósio, Ubiratam – Etnomatemática – Arte ou técnica de explicar e conhecer – 2ª Edição – Ed. Ática – 1993.

direciona para as verdades da fé que temos, mesmo que esta fé se materialize permanentemente na ciência.

*“nem sempre é claro o que cada um quer dizer quando fala em viver de fé, pensam na vida religiosa como um todo, ou em saber como nos dias de hoje, num mundo em que tudo é previsível e calculável, eu posso organizar a minha vida a partir da fé<sup>3</sup>.”*

Completando assim o capítulo, o instinto da evolução provém do ato de acreditar, se não acreditamos, não compreendemos que existe algo além de nós, não saímos da condição inicial, como na Física, ficamos em estado de inércia-reposo. A evolução é um ato de extrema relação com as leis da Física, precisamos sair da inércia, do repouso e seguir em direção ao que acreditamos.

Foi esse instinto que possibilitou as manifestações de ritos ensaiados que nos conduziram a uma religiosidade e conseqüentemente ao estudo das ciências.

O Módulo de História do Teatro trás algumas considerações muito importantes que valem ser lembradas e propostas neste trabalho:

*Para a escrita deste texto básico, pela escassez de material bibliográfico mais fecundo sobre a relação do teatro com o multiculturalismo, utilizaram-se várias fontes disponíveis na web, muitas delas sem o respaldo explícito de instituições acadêmicas. “Essa lacuna, entretanto, é preenchida pela mesma abordagem de construção da linguagem cênica que reconhece o valor dos saberes comuns, muitos deles retirados de textos distantes, teoricamente do teatro, mas que carregam em seus conteúdos informações validadas por percepções de mundo mais condizentes com a realidade contemporânea”. (VELOSO – 2009 – p 07).*

Percebe-se que a origem do teatro não é uma questão tão acertada, que há dúvidas, se deseja buscar outras origens, além Grécia antiga, contudo, a idéia de nomear a interpretação como mérito greco-romano, ainda é a grande prioridade. Os dois, afinal, são versões. Uma, a versão daqueles que determinaram a busca de discursos hegemônicos, de construção de “uma” verdade para os “fatos”. A outra, mais “mole”, dos que acreditam na possibilidade de que as várias verdades relacionadas a um mesmo objeto podem ser “construídas”, inclusive, pela ação do imaginário. (VELOSO – 2009 p. 09).

Por esse outro pensar, se a milenar arte de alterar os estados de corpos para ser o outro em espetáculo é a evolução de ritos de sacração, existem registros em que o homem “representa” para os deuses em eras muito anteriores àqueles tempos gregos.

---

<sup>3</sup> Grum, Anselm – Dimensões da Fé. Editora Vozes. Tradução: Carlos Almeida Pereira.

A compreensão etnocêntrica e analisando por uma perspectiva multiculturalista, o surgimento do teatro o que poderia ser descrito por outros caminhos. Se esta história for contada através da recorrente idéia de que as primeiras manifestações teatrais se deram por processos de adoração às divindades, ou como delas derivadas, somos obrigados a vislumbrar outras possibilidades que não aquela que considera a Grécia como seu berço, e dessa forma aceitar que o teatro tem origens mais remotas que a Grécia, provando assim, que os gregos nada mais fizeram do que definir como arte e “diversão” os rituais e gestos de culturas anteriores à sua.

Logo, teatro historicamente mesmo que contrarie os conceitos e registros não pode ser visto como arte de transformação de corpos e gestos em imagens e ações espetacular e sim como ritual para transmitir a “verdade” cultural e/ou religiosa.

## **CAPÍTULO 2 – A Razão que provoca o processo de evolução do Ritual**

### **2.1 – O Processo de Divinização do Ritual**

Vendo o processo de Evolução do homem e como o ritual deve ser ensaiado, mostrado como se deve fazer: um teatro engajado e “disfarçado” parece absurdo enfatizar esse pensamento, mas enquanto vistos como rito, seja o fazer fogo, seja o modo como ensinar as gerações, isso é ensaiado, tem como ser passado de um modo, mas pode ser interpretado de vários modos, a proposta cênica de expor o rito.

Surge aqui outra palavra: “interpretar”, essa agora acompanha a história da humanidade, interpretar suas crenças, seus pensamentos para convencer os outros do que é certo ou errado, enquanto poderíamos mostrar com a razão que toda ação (ritual), terá uma reação (consequência).

Reação = Ritual? Sim, parece indagante e intrigante, dizer isso, mas o fato do rito existir é por que ele é uma ação. Ação de quem crê, e esta ação vai gerar uma consequência, acreditar ou não acreditar. Você não é obrigado a acreditar, mas alguém vai ter uma ação de provocar sua reação. *(lei da Física)*.

*Como rituais, segundo John Gassner (1974), as primeiras representações cênicas estão localizadas no exato instante em que o homem adquire a consciência da própria finitude. É a certeza da morte que leva nossos ancestrais a ritualizar a vida. (VELOSO – 2009 – p. 09)*

Partindo da narrativa sobre o surgimento das manifestações cênicas que propõe considerar uma linearidade cronológica, os primeiros registros historiográficos sobre esta prática vão ser localizados no Egito. Segundo a mitologia daquele povo, já 3,2 mil anos antes da era cristã eram celebrados rituais de adoração aos deuses Isis e Osires. Considerando a cronologia dos acontecimentos históricos, temos muitas demonstrações de rituais ensaiados que podem fomentar a nossa discussão e provar que o rito a partir da sua estrutura ensaiada é um teatro sacralizado. Segundo a mitologia egípcia, já 3,2 mil anos antes da era cristã eram celebrados rituais de adoração aos deuses Isis e Osires. Esses ritos, verdadeiras representações espetaculares, tinham todas as características daqueles que viriam a se desenvolver a partir de Atenas, em adoração ao deus Dioniso (divindade do vinho e dos bacanais), por isso, a resistência em aceitar o teatro como arte, uma vez que todas as suas ações na Grécia e Roma sempre findadas com muita orgia, sexo e bebida, precisava ser “validado” como verdade da época e do poder

político que exerciam diante das culturas menores e conquistadas, o teatro foi essa possibilidade.

O mito de Osires e Isis e a lenda de Tamuz e Ishtar tinham em comum a presença de dançarinos com a utilização de certa variedade de movimentos mímicos e vestimentas de peles e máscaras na representação de animais símbolos de fertilidade, além do uso de objetos de cena, como o barco de Osires, e a sugestão de alguns cenários, que nos remetem a perceber essa ritualidade ensaiada nos seus momentos celebrativos de fé, por isso, afirmar que a sacralidade é teatral, pois, não podemos de modo algum desconsiderar que o homem liga-se ao divino pela arte dramática.

*... “Benedito e o Teatro Gestual: estudo de uma encenação não verbal baseada em elementos espetaculares do interior do estado de Goiás”, faço uma pequena citação a essas práticas narrativas cênicas realizadas em volta das fogueiras noturnas. (p. 09)*

O Professor Graça Veloso em seu trabalho nos remete a prática “Católica” da festa do Divino em Goiás e nos trás em seu livro uma experiência que prova o falado sobre os ritos primevos e o fogo sagrado. Rituais em volta da fogueira.

*Buscando a verdade sacralizada de outros povos temos na Índia que começou a desenvolver seu teatro cinco séculos antes da era cristã, depois do aparecimento de seus poemas Mahabharata e Ramayana, que são as grandes fontes de inspiração dos primeiros dramaturgos indianos. No tempo antigo, os sábios de grande alma que tinham dominado os seus sentidos aproximaram-se do piedoso Bharata, mestre da arte dramática, durante um intervalo nos seus trabalhos. Ele tinha acabado de terminar a recitação das suas orações, e estava rodeado dos seus filhos. Os sábios de grande alma que tinham dominado os seus sentidos disseram-lhe respeitosamente: Oh Bramane, como nasceu o tratado do teatro, semelhante aos livros sagrados, que tu compuseste? A quem se dirige ele, quais são suas partes, o tamanho, e como deve ser aplicado? (Módulo História do Teatro I – VELOSO, Jorge das Graças - p.14 – 15)*

Isso porque não falamos ainda das culturas tão distantes quanto à Coréia e o Japão que, mesmo sem contato aparente com os gregos da antiguidade, desenvolveram suas formas cênicas de grande valor para o ritual sacralizado e religioso, sempre valorizando a figura do sol nascente, seu maior símbolo. “Claro está que muito dessa percepção se volta para um mito, uma afirmação sem muitos precedentes, mas não podem ser descartadas de serem reais”.

Da mesma maneira que podemos encontrar manifestações dramáticas com iguais características nas Américas, entre Incas, Maias ou na representação do Kuarup, no alto Xingu brasileiro, entre os povos Aweti e Kamaiurá, ou Ywalapiti. Impressiona o alto grau de dramaticidade verificado no mito do Kuarup (VELOSO – 2009 – p. 16). Todos os povos tinham seus ritos e como tais eram e deviam permanecer transmitidos para as

gerações como tal, sem que fossem alterados, por isso, afirmar que rito ensaiado é teatro.

## 2.2 - O Ritual como processo de interpretação

Dito tudo isso, posso reafirmar que, como derivação ritualística, o teatro não é uma manifestação de origem grega, espalhada pelo resto do mundo. O que seria mais prudente dizer seria que o teatro é uma manifestação artística que se desenvolveu em diferentes culturas, como forma de ensinar a fé, ensinar as gerações sobre o que se acredita, o que os gregos fizeram apenas foi transformar em arte o que era sagrado. Por que não dizer que certa forma contribuir para um velho ditado da política greco-romana: “*Panis et Circensis*”. Enquanto o povo ri nas arenas teatrais nós nos refestecemos em bacanais e orgias.

*Ser homem era um dos pré-requisitos básicos da cidadania.* Seria a herança deixada para os povos dos ocidentais pela invenção de um “ator”, já dizia o general Esquilo - logo, percebemos a masculinidade sórdida, o teatro era para homens e não para mulheres. Por acreditar que o autor era, antes de qualquer coisa, um educador, Ésquilo utilizava as qualidades da estrutura heroica já presentes na Odisseia e na Ilíada, de Homero, para construir suas tragédias com claros objetivos de mostrar aos espectadores exemplos do que seriam comportamentos ideais para o cidadão ateniense. Inspirar nas pessoas como se deveria ser e agir como se poderia ser moralmente um cidadão, uma pessoa apaixonada por arte.

Aqui pode ser interessante lembrar que nesse período da Grécia as histórias de heróis não tinham nomes de mulheres, os homens eram protagonistas de heroísmo, pouco se vê nas citações até mesmo do teatro a presença mitológica da ilha das Amazonas, do culto a Diana e das mulheres guerreiras que mostravam sua bravura diante da cultura “machista” dos homens gregos. Apenas para registrar que a dramaturgia grega também tinha uma paixão pelas mulheres e não é muito explorada quando se fala do teatro, mas a literatura registra essa crença. Quem eram essas mitológicas mulheres?

*Povo de mulheres descendentes de Ares e de Harmonia, que se governavam a si mesmas sem a ajuda dos homens (Hom. Il. 6, 186; Apollod. Bibl. 2, 3, 2; 5, 9). São várias as interpretações populares deste nome, todas ligadas à lenda: - μαζόνες, "privadas de um seio" (a partir de - μαζός, jôn. para μαστός), referindo-se à lenda segundo a qual amputavam um de seus seios para lançar melhor com o arco; - μαζός, "as de um único seio"; ou, diversamente, "dotadas de seio", com - intensivo; propôs-se, inclusive, - μάζα, "sem pão ou bolo de cereais", de que "selvagens"; [μα- ζ]νη, "mulheres a partir da cintura", [μα- ζ]οσαι, "que vivem por si mesmas",*

*rechaçando os homens* (Tichit, "Rev. de Phil". III série, fasc. 1, 1983, p. 229-242). Na verdade, trata-se de etimologias populares: o nome, provavelmente, é uma formação grega sobre um apelativo estrangeiro, talvez o de uma tribo iraniana \*ha - mazán, "guerreiro" (Pokorny, Indog. Etym. Wört., p. 697).<sup>4</sup>

Apenas uma das possibilidades de análise. O que a diferencia das demais é o fato de que, com o passar do tempo, e com o poder de se impor a outras culturas pelas potências colonizadoras europeias, essa versão foi canonizada como "a verdade" do surgimento do próprio teatro, dizer que o teatro surgiu na Grécia já que toda a cultura se voltava no período médio para a história e a exaltação da arte greco-romana.

### **2.3. Rito Sagrado ou Teatro da Fé**

A situação de necessidade do fogo, mesmo que para alguns não seja uma adoração, uma divinização, mas o homem buscou, aprendeu, criou um ritual, e esse ritual evoluiu, fez o homem aprender e aprendendo, pensou, racionalizou suas ações. No filme a "Guerra do fogo" Noah o protagonista, quer encontrar um forma de acender a brasa apagada, mas encontra-se com a possibilidade de aprender a começar o fogo, fazer o fogo, deter em suas mãos o que para ele até então tinha caído do céu. Mesmo se tratando de uma ficção, mas é uma das melhores produções para se compreender o princípio, um conceito de aprendizado, o homem começa o processo de, aprender, ensinar. Isso já é um rito, sendo rito, deve ser ensinado como tal.

A partir do momento que o homem diviniza os seres, diviniza sua ação dentro de um espaço, percebe que tem algo mais além de sua razão, isso provoca o ritual, aqui poderia se dizer que está à essência desse trabalho, o fogo ritualizado, as ritualizações da fé humana em uma força maior.

Ao longo da história o homem aprendeu a colocar um ser que foi chamado de Deus, para os cristãos YAWEH, JAVÉ, JEOVÁ ou como na narração bíblica: Eu sou aquele que sou e sempre será... Mas, o que importa, é que a razão humana fez com este percebesse o ter uma força maior que ele, ter um ser maior que o homem com o qual ele o homem precisa se comunicar. O fogo é a melhor forma desse deus "comer", consumir as ofertas de seus filhos e/ou criaturas. Partindo do conceito místico de que o fogo é uma representação divina, já que nas civilizações antigas sempre em seus rituais havia a presença desse elemento.

---

<sup>4</sup> Dicionário Etimológico da Mitologia Grega - [www.demgol.units.it](http://www.demgol.units.it) - Última atualização: 25/04/2013  
Linguagem: protoghese. Número de termos: 953

Dos quatro elementos de Gaya (*Mãe - Terra*), um é o fogo e ele tem grande influência sobre os outros três, como que criando uma harmonia. Visto que de certa forma e olhar científico ele é exatamente resultado da ação do Ar e da Terra se pararmos para refletir sobre eles.

Dentro desta concepção de lugar natural e da constituição da matéria pode-se, então, entender porque uma pedra cai quando solta de certa altura. Por ser uma Pedra constituída basicamente do elemento terra, ela cai porque deve retornar ao centro Do universo, seu lugar natural. O movimento da pedra em direção ao solo é um movimento natural e por isso não precisa ser objeto de uma discussão mais aprofundada.

A Propósito, para Aristóteles: *“Se duas pedras, uma pesada e outra leve, são soltas de uma mesma altura, a pedra mais pesada atinge o solo primeiro. Isto acontece porque a pedra mais pesada possui mais terra do que a pedra mais leve”*<sup>5</sup>.

Com isso, a pedra mais pesada tem uma tendência maior para alcançar mais depressa a sua posição natural. De modo análogo, a fumaça, por ser leve, sobe para ocupar o seu lugar natural, que é em cima.

O movimento de subida da fumaça é também um movimento Natural. Percebendo aí a fundamentação e o efeito do ensinamento bíblico da criação do homem, o homem feito do barro, este é terra e quando o homem morre está voltando para a Terra que é o seu lugar, e como não se tem matéria palpável da alma, subentende-se que ela é ar e volta para cima, movimento natural. Uma explicação abstrata, mas se pararmos e analisarmos se aceita plausivelmente que o rito sagrado tem sua teatralização para que se possa compreender o que é o homem e para que ele fosse criado.

*Pela Liturgia da terra participamos, saboreando-a já, na Liturgia celeste celebrada na cidade santa de Jerusalém, para a qual, como peregrinos nos dirigimos e onde Cristo está sentado à direita de Deus, ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo (22); por meio dela cantamos ao Senhor um hino de glória com toda a milícia do exército celestial, esperamos ter parte e comunhão com os Santos cuja memória veneramos, e aguardamos o Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo, até Ele aparecer como nossa vida e nós aparecermos com Ele na glória (23).*<sup>6</sup>

Essa concepção afeta a todas as crenças, vemos que mesmo a física a matemática admitem elementos que originam, logo, todo o ritual tem essa noção ensaiada, o que é matéria é Terra e o que não é matéria é ar, e deve voltar para o ar. Por

---

<sup>5</sup> Cad.Cat.Ens.Fis., v.13,n1: p.48 - 63,abr.1996. FÍSICA ARISTOTÉLICA: POR QUE NÃO CONSIDERÁ-LANO ENSINO DA MECÂNICA? + Luiz O. Q. Peduzzi - Departamento de Física Programa de Pós - Graduação em Educação/ Ensino de Ciências Naturais Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis - SC

<sup>6</sup> CONSTITUIÇÃO CONCILIAR *SACROSANCTUM CONCILIIUM* SOBRE A SAGRADA LITURGIA, disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vatii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html)

isso, algumas crenças em “deus” como ar, nossas almas voltam para o ar (Deus) e no texto do Sacrossanto Concilio entendemos como tal a liturgia como uma forma de expressar o desejo do homem de participar da Glória de Deus, logo, não se pode mudar o que é rito ensaiado com o ofício de transmitir uma ligação terrena e divina. Unir a fumaça do espírito humano com a essência celeste do Céu morada de Deus (morada dos deuses).

Voltando então aquela afirmação do fogo que consome, “come” nossas ofertas, também em culturas que a cremação é incontestável, o fogo é a ligação do mundo dos mortos com o mundo dos vivos. Vamos pensar no rito sagrado que os hindus têm as margens do Rio Ganges, eles reúnem-se todos os anos para os banhos de purificação, mas como há uma dualidade, estes homens chamados de “Sadus”, também ao amanhecer oferecem aos deuses presentes de luz que são oferecidos com lamparinas artesanais, fazendo oferendas ao deus-Sol.

Vê-se no fogo uma importante ligação do mundo espiritual e os homens. O fogo é então um elemento que para a fé se purifique, redima-se, santifique-se, cabe ao homem utilizar com sabedoria esse elemento.

Nesse contexto, é importante que a discussão nos rituais aborígenes do Brasil e da África, nossa Mãe cultural, da Índia com a importância que dão ao sagrado em seus modos de vida, tudo é conectado a um ser maior, que se manifesta em seus elementos naturais (água, fogo, ar e terra). Se bem observarmos a cultura dos chamados índios brasileiros, vemos uma grande concentração dos ideais e da formação cultural no trato e zelo com a natureza, os elementos que nela se manifestam são de alguma forma importantes para sua tribo, seu desenvolvimento como ser filho da terra, haja vista que para falar dessa visão nos atemos aos quatro elementos da natureza: Terra, Água, Ar e Fogo.

Na cultura africana de algum modo o fogo está ligado à natureza e cada elemento tem seu orixá, no caso do fogo, se liga a figura de Xangô o orixá do trovão e do fogo.

*Xangô é o Orixá dos reis, dos justos e dos poderosos. Ele próprio foi um rei guerreiro que conquistou reinos e enriqueceu seu povo. O seu trabalho entre os homens é cobrar de quem deve e premiar a quem merece, agindo sempre com sabedoria, justiça e poder. Este Orixá é vaidoso, violento e atrevido. Gosta de festas e comemorações. É o Orixá do raio e do trovão, o seu elemento é a pedra. No sincretismo os africanos o ligaram a São João Batista a São Pedro e a São Jerônimo. Conforme a região do Brasil, Xangô é sincretizado a um destes três, em algumas regiões, como o Rio de Janeiro, a dois simultaneamente (São João Batista comemorado a 24 de junho e São Jerônimo comemorado a 30 de setembro). Seu dia na semana é a quarta*

*feira sua cor na Umbanda é o marrom. Na mitologia romana é Júpiter, o pai e mestre dos deuses, para os gregos é Zeus, aquele que usava seus raios para punir os mortais, esta correspondência pode ser feita pelo poder supremo que ambos encarnam. No Tarô há uma lâmina que contém o principal arquétipo de Xangô, é a Justiça representada pelo arcano VIII, que é quem encarna a recompensa justa, a distribuição do prêmio e do castigo. A espada de ouro que a justiça carrega assim como o Orixá em sua representação simboliza as lutas necessárias para se conseguir o equilíbrio, que a balança na outra mão indica ser possível. A palavra de Xangô é a Justiça.<sup>7</sup>*

O Fogo então tem uma grande participação na história e na formação ritualista das crenças e essa será a importância que se dará ao estudo. Essa ritualização se torna interpretação e essa interpretação sacraliza o teatro não como arte mas como instrumento de redenção para os povos e culturas dentro cada um de sua fé. Mesmo que algumas referências tenham cunho laico, mas demonstram a religiosidade e a sacralização do rito, e esse rito une homem pensante e ser divino, seja o nome que este ser receba.

*Regando as areias, recriando regatos e as luzes do Éden das flores Na terra dos homens, no circo dos anjos, guardiões implacáveis do céu. Dançamos a dança da vida no palco do tempo, teatro de Deus. Árvore santa dos sonhos, os frutos da mente são meus e são teus. Nossos segredos guardados enfim revelados nus sob o sol. Segredos de Deus tão guardados. Enfim revelados nus sob o sol.<sup>8</sup>*

Independente de crença a verdade é que nossos segredos estão tão guardados, mas ao mesmo tempo revelados e nus sob a luz do sol que é Deus, seja como você queira se referir a ele. O homem vive o teatro de nascer e viver em busca de um ou vários ideais, mas não percebe que o mais importante é viver bem e bem com os outros a sua volta como na introdução da Encíclica de João Paulo II – FIDES ET RATIO: “*Conhece-te a ti mesmo*”<sup>9</sup>.

Conhecendo o rito e símbolos da sua fé, e o fogo que sobe aos altares da sua crença. Afirmo que, teatralizar não é transformar em circo o sagrado, mas aproximar da compreensão de todos os sinais de Deus para os homens.

Sim, mesmo que a humanidade não queira, a evolução leva-nos onde temos de ir. Não vamos aqui dizer que tudo é definido espiritualmente, que tudo está marcado para ser assim, mas também não podemos desprezar que evoluir faz parte dos planos sagrados e é um rito uma sequência natural, uma dramatização da vida e não tem nada de circense ou espetaculoso, mas tem de muito belo, rico e bonito, como a mais bela dança e/ou peça de teatro.

<sup>7</sup> [http://www.terreirootioantonio.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=51&Itemid=63](http://www.terreirootioantonio.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=51&Itemid=63)

<sup>8</sup> Sob O Sol - Marcus Viana

<sup>9</sup> Fides Et Ratio – Carta Encíclica de João Paulo II a Igreja – Vaticano.

## **CAPITULO 3 – O Ritual Como Instrumento de Educação Cultural**

### **3.1. A História da Arte-Educação como presença na Evolução da Fé e da Educação**

Em arte-educação integra a História da Arte-educação que trata de questões conceituais sobre o aprender e o ensinar Teatro. Outro ponto a ser ressaltado diz respeito aos princípios da formação sobre arte-educação vinculada aos aspectos políticos e éticos pertinentes à profissão de professor no Brasil.

O ensino do teatro que tenha como foco “as diversas dimensões da formação do artista, tais como a teoria e história do teatro, assim como a análise e a prática da arte contemporânea, em toda a sua dimensão local da cultura brasileira” deve primar o que é importante descobrir pela Arte que a cultura do Brasil tem diferenças que a fazem única entre os homens, fazem sua maior motivação que as pessoas aprendam a ser mais e melhores por meio dos canais de apreciação da arte e nesse caso o teatro possibilita a formação de valores e atitudes por meio de dramatizações.

Em outras palavras, visa dar acesso à cultura, esta entendida como “a produção coletiva de uma sociedade ou, mais ainda, como patrimônio de toda a humanidade, construído ao longo de sua história”. Como esse legado de conhecimento se reporta às vivências, ideias, artefatos, obras, tecnologias e outras formas de expressão, de comunicação e de sentimento humano, faz-se necessária uma ação educativa que permita às pessoas o domínio das linguagens artísticas, favorecendo, portanto, a familiarização e a vivência com o universo da arte. Por que o teatro, é uma forma incontável de possibilidades de utilização didática, sejam elas pertinentes ao fazer, ao apreciar e ao contextualizar as obras cênicas e as formas de comportamento espetacular organizado, resultantes da ação dos produtores culturais, tanto na escola como fora dela, contudo, durante muito tempo, vigorou uma visão elitista concebendo arte como algo feito somente pelas mentes e mãos privilegiadas de mestres extremamente cultos.

Dentro dessa perspectiva, a arte teria a finalidade de promover a elevação espiritual dos que podem frequentar espaços nobres como museus, galerias, teatros etc., sendo que, quando dirigida ao povo, assumiria a forma de ostentação de poder ou meio de transmissão de lições morais e religiosas, que “diziam” que a pobreza era castigo e a riqueza era benção, situações populares de separar elite e plebeus.

Assim, podemos dizer que a gênese do ensino artístico no Brasil, deu-se formalmente em 1816, com a criação da Escola de Ciências, Artes e Ofícios, e da Academia Imperial de Belas-Artes, ambas na cidade do Rio de Janeiro, a mando de D. João VI. A literatura aponta os preconceitos que os artistas enfrentaram naquela época e as características que marcaram o ensino por eles praticado.

Questiona-se a ênfase dos conteúdos curriculares referentes às artes européia e norte-americana, ou seja, uma arte branca e masculina e copiada, nada que favorecesse a arte que era feita na colônia, pois, o “rei” queria ver a arte que via na sua terra. Agora vivemos um momento muito rico de áurea arte que nos possibilita depois de muitos anos de cópias verem nossa arte a ser imitada por quem imitávamos. Além das sistematizações pedagógicas e metodológicas no ensino de Arte, as décadas de 1980 e 1990 assistem a intenso questionamento dos próprios conteúdos a serem trabalhados.

O ideário sobre o Ensino da Arte contempla as diferenças de raça, etnia, religião, classe social, gênero, opções sexuais e um olhar mais sistemático sobre outras culturas. Denuncia, ainda, a ausência das mulheres na história da arte e nos seus circuitos de difusão, circulação e prestígio. Vale lembrar também que nesse período as mulheres ainda eram mal vistas quando participantes de atividades artísticas no Brasil e em algumas culturas da Europa, ser dançarina era o máximo que conseguiam e ainda eram tidas como meretrizes e suas apresentações eram feitas em Cabarés que eram frequentados apenas por homens.

Uma grande conquista da Educação para o Teatro é ver o ensino universitário na área ser regulamentado em 1965, após a legalização das carreiras profissionais de ator, crítico, diretor, cenógrafo e professor de arte dramática, embora o Conservatório Brasileiro de Teatro, órgão ligado ao Ministério da Educação e Cultura, ofertasse, desde 1939, um curso tido como superior. Quanto tempo de muitas lutas até que alcançássemos a possibilidade de aprender arte como aprendemos o Português e a Matemática, área de conhecimento e passível de ser tema de grandes diálogos pedagógicos.

*A história registra a ocorrência de dois tipos de cursos de formação docente na área de teatro no Brasil: Professorado em Arte Dramática (1965) e Licenciatura em Educação Artística / Habilitação em Artes Cênicas (1973). Para o primeiro, o Ministério da Educação adotou o modelo 3+1. Para o segundo previu-se uma formação em dois ciclos, constituídos de uma ambientação inicial – de caráter generalista, na qual o aluno aprenderia os rudimentos dos conteúdos de artes plásticas, artes cênicas, desenho e música – e do ciclo profissionalizante, reservado às habilitações em uma dessas quatro áreas. Essa foi uma solução barata, fácil e, sobretudo, prática, pois oferecia formação múltipla em um único curso... Mas, não deu certo! Esse*

*modelo original foi reestruturado aos poucos, na maioria das universidades, como resultado dos estudos, críticas e embates efetivados no seio de um movimento nacional em prol da arte-educação, empreendido principalmente nos congressos da Federação de Arte-Educadores do Brasil.<sup>10</sup>*

A movimentação nacional de educadores em prol da reformulação da licenciatura em Educação Artística continuou acontecendo nos congressos organizados regionalmente e, em termos nacionais, possibilitando a formação de linhas de trabalho que fizeram com que o ensino das artes no Brasil tomasse rumos de respeito e formação de currículos para que a arte seja respeitada como área de conhecimento e não mais como passatempo de intelectuais.

Com isso, aproveitamos o ensejo e trazemos a Educação da fé que é uma velha discussão do nosso país, quando se fala de educar na fé, lembra-se da catequese, escolinha dominical, grupos de evangelização espiritualista. Parece oportuno falar aqui da oportunidade de se educar todos não para uma única fé, mas para o respeito e a sequência cultural de valores, credos, cada grupo deve ter o direito de que sua maneira de crer seja respeitada.

Isso é a verdade de Ensinar Educação Religiosa, esta sim, é a importância de se falar do crer na escola, mas quando se diz Ensino Religioso, está sendo-se tendencioso para uma fé. Mas, se defender-se Educar Religiosamente, fala-se de valores, respeito, tolerância e não dizer que esta ou aquela fé é importante, por este motivo o teatro como “ritual sagrado” favorece a educação para que os jovens e crianças possam perceber que cada povo e cada raça tem seu modo particular de acreditar em “Deus”.

Que a Constituição Federal diz que o Ensino Religioso é facultativo nas Escolas “Públicas” do país isto já se sabe, mas o que ainda se discute muito é que valores ensinar, iniciativas são tomadas e pouco se consegue entender pela tamanha complexidade do tema, mas é certo que Educar na fé está ligado em se mostrar que o ser humano tem um Deus, tem um ser maior, uma energia cósmica que move sua existência.

Partindo então dessa afirmação é meta promover essa dualística de que o Teatro é uma possibilidade de se dizer que os ritos são educação ensaiada de uma fé, seja ela qual for e a Licenciatura em Teatro favoreceu essa possibilidade a partir do pressuposto de que Educadores em Teatro poderão realizar ações de diversidade cultural sem a angústia da invasão a liberdade de culto e credo que a Constituição Federal prevê.

---

<sup>10</sup> Módulo 14 – História da Arte Educação I – SANTANA, Arão Nogueira de Paranaguá e VELOSO, Jorge das Graças – UNB – 2009.

## 3.2. O Ritual Amadurece o homem

Começando aqui nesse item pela unificação da verdade e amadurecimento da fé a esse teatro ligado a adoração religiosa, a Igreja é o maior fermento de um novo drama, num período de ressurgimento das cinzas da derrocada do reflorescimento grego em Roma; os Ensaios de representação da Via-Sacra são a prova mais forte de uma fé que usa do teatro para aproximar o povo do que se deve crer.

*Tertuliano já escrevera: “Suspirais pelos sórdidos espetáculos do teatro? (Temos um muito mais grandioso) a chegada do Senhor... a glória dos santos a ascender... e aquele último e eterno dia do julgamento!” (Gassner, 1974, p. 159).*

Diferentes da opinião de muitos que São Jeronimo traduz para o Latim a Bíblia impedindo assim a compreensão, a igreja traz a verdade de que a língua falada na época era o latim, e uma tradução bíblico que só existia em aramaico e hebraico, traria ao conhecimento de todos ao que somente os hebreus e judeus sabiam ler.

*Lembrando a Idade Média em uma época em que a principal pregação da Igreja não era compreensível para o comum dos mortais, pois era toda feita com trechos da Bíblia em latim, por imposição de São Jerônimo aos fiéis, o teatro constitui uma resposta prática. Assim, os sacerdotes começaram a representar, em verdadeiras pantomimas simbólicas, o que era dito nas pregações naquela língua não compreendida por todos...(VELOSO p. 34).*

A dramaturgia torna-se flexível e compreensível para aqueles que não conheciam o latim, comprovando que a igreja queria democratizar o que só os estudiosos burgueses conheciam. Vê aí uma tentativa da igreja de aproximar as verdades da fé da massa (povo), enquanto a burguesia e a realeza tentavam eleger papas através da verdade de que muitos príncipes foram ordenados sacerdotes por indução e força dos pais para que a realeza tivesse poder sobre a igreja. O Sacrossanto Concílio mostra o zelo da igreja em orientar como ensinar os rituais da Sagrada Liturgia Católica, assim como os livros sagrados de cada religião também o fazem.

### **Formação dos professores de Liturgia**

*15. Os professores que se destinam a ensinar a sagrada Liturgia nos seminários, nas casas de estudos dos religiosos e nas faculdades de teologia, devem receber a formação conveniente em ordem ao seu múnus<sup>11</sup> em institutos para isso especialmente destinados.*

### **O ensino da Liturgia nos Seminários**

*16. A sagrada Liturgia deve ser tida, nos seminários e casas de estudo dos religiosos, como uma das disciplinas necessárias e mais importantes, nas faculdades de teologia como disciplina principal, e ensinar-se nos seus aspectos quer teológico e histórico, quer espiritual, pastoral e jurídico.*

---

<sup>11</sup> Encargo. Emprego. Funções que um indivíduo tem de exercer.

*Mais: procurem os professores das outras disciplinas, sobretudo de teologia dogmática, Sagrada Escritura, teologia espiritual e pastoral, fazer ressaltar, a partir das exigências intrínsecas de cada disciplina, o mistério de Cristo e a história da salvação, para que se veja claramente a sua conexão com a Liturgia e a unidade da formação sacerdotal.*

***A formação litúrgica dos seminaristas, sacerdotes e fiéis.***

*17. Nos seminários e casas religiosas, adquiram os clérigos uma formação litúrgica da vida espiritual, mediante uma conveniente iniciação que lhes permita penetrar no sentido dos ritos sagrados e participar perfeitamente neles, mediante a celebração dos sagrados mistérios, como também mediante outros exercícios de piedade penetrados do espírito da sagrada Liturgia. Aprendam também a observar as leis litúrgicas, de modo que nos seminários e institutos religiosos a vida seja totalmente impregnada de espírito litúrgico.*

*18. Ajudem-se os sacerdotes, quer seculares quer religiosos, que já trabalham na vinha do Senhor, por todos os meios oportunos, a penetrarem cada vez melhor o sentido do que fazem nas funções sagradas, a viverem a vida litúrgica, e a partilharem-na com os fiéis que lhes estão confiados.*

*19. Procurem os pastores de almas fomentar com persistência e zelo a educação litúrgica e a participação ativa dos fiéis, tanto interna como externa, segundo a sua idade, condição, género de vida e grau de cultura religiosa, na convicção de que estão cumprindo um dos mais importantes múnus do dispensador fiel dos mistérios de Deus. Neste ponto guiem o rebanho não só com palavras mas também com o exemplo.*

***O uso dos meios de comunicação***

*20. Façam-se com discrição e dignidade, e sob a direção de pessoa competente, para tal designada pelos Bispos, às transmissões radiofónicas ou televisivas das ações sagradas, especialmente da Missa.<sup>12</sup>.*

### **3.3. A Consciência da Educação Ritual para um Rito Teatralizado da Fé**

A Igreja Católica em especial por ser a experiência do autor, tem o zelo especial de saber que seu alcance vai além do ritual e orienta em seus documentos como é o trecho acima de como se deve ensinar a sagrada liturgia, desde os professores, sacerdotes e meios de comunicação provando assim que o ritual da sagrada liturgia é ensaiado e como tal não pode ser alterado, pois, não terá a eficácia e que deve ser realizado e ensinado quem tem o encargo (múnus) para tal. Voltando ao filme a Guerra do Fogo, disserta-se que o homem amadurece quando aprende um ritual, seja qual for à fé quando se ensina a maturescência do ser provoca neste mesmo ser que saia de uma atitude “laica”, do ponto de conceito de que não conhece, mas passa a condição de indivíduo passível de ser agente colaborador da fé que pratica.

Então a Educação passa a ser um rito, sim, rito de que ensina a criança, jovem, adulto de que a área de conhecimento buscada ou a fé praticada se torna a verdade para si. Colocando nestes termos de amadurecer, este ato passa pelo medo de sair do que é

---

<sup>12</sup> CONSTITUIÇÃO CONCILIAR SACROSANCTUM CONCILIUM SOBRE A SAGRADA LITURGIA, disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vatii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html)

comum, por receio das definições e opiniões de quem se atreve a transpor as linhas e limites das ciências e do conhecimento, como que castigo a quem saia do Éden onde tudo é harmoniosamente perfeito, mas se “Deus” não quisesse que tivéssemos o conhecimento, não teria nos dado condições de evoluir e pensar, a poesia do Grupo Musical “Teatro Mágico”, parece oportuna para fechar esse capítulo:

*Senhoras e sem dores,*

*Respeitável público pagão,*

*Bem-vindo ao Teatro Mágico.*

*Parto-me.*

*Parto-me.*

*A poesia prevalece.*

*A poesia prevalece.*

*O primeiro senso é a fuga.*

*Bom, na verdade é o medo,*

*Daí então, a fuga.*

*Evoca-se na sombra uma inquietude,*

*Uma alteridade disfarçada,*

*Inquilina de todos os nossos riscos,*

*A juventude plena e sem planos se esvai*

*O parto ocorre.*

*Parto-me. Parto-me. Parto-me. Parto-*

*me.*

*Aborto certas convicções.*

*Aborto demônios e manias.*

*Flagelo-me.*

*Exponho cicatrizes.*

*E acordo os meus, com muito mais  
cuidado,*

*Muito mais atenção!*

*E a tensão que parecia nunca não  
passar,*

*O ser vil que passou para servir,*

*Pra discernir, harmonizar o tom.*

*Movimento. Som.*

*Toda terra que devo doar.*

*Todo voto que devo parir.*

*Não dever ao devir,*

*Nunca deixar de ouvir,*

*Com outros olhos!*

*Com outros olhos!*

*Com outros olhos!*

Seja qual for à opinião sobre o ato de crer ou sobre como se conceber o teatro, religiosamente, para educar, como rito ou mesmo que não se aceitem as definições, o importante é que no final a poesia sempre prevalece, prevalece diante da verdade de que todo rito ensaiado leva o homem a ato de acreditar, mas a busca de conhecer faz o homem aprender novos “jeitos” de crer, acreditar, e nossas mentes abortam convicções que temos algo acima de nós, de nossa racionalidade que nos permite teatralizar a nossa fé e a verdade de Deus que cria e do homem.

## **CAPÍTULO 4 – Memorial da Experiência como Evangelizador, Educador e Ator.**

### **4.1. Quando Tudo Começou**

A primeira Experiência gratificante do Teatro limita-se em um ambiente escolar com a professora da 4ª Série Primária, Marli Köeller, numa encenação de Teatro – Dança para o dia das Mães, talvez por isso, me identifico tanto com a arte como instrumento pedagógico e me fascina ensinar teatro na escola e ensinar com teatro na escola.

Depois por um tempo foram escassas as apresentações até que a comédia meio que forçou a barra com um esquete escolar do ensino médio da Escolinha do Professor Raimundo, era para ser o Seu Peru, mas a timidez e o que hoje chamamos de Bullying me fez interpretar o Sr. Ptolomeu, quem diria hoje os personagens mais cômicos que faço são exatamente o homossexual, não que eu esteja estereotipando – os, mas ao contrário até homenagem – os pela força e talento que trazem embutidos em suas autenticidades e coragem de ser quem são.

Aí nos anos 90 vem o contato com o que hoje sei ser o TEATRO ENGAJADO, na igreja, “Paixão de Jesus Cristo Segundo Todo Mundo”, me apaixonei e não quis me afastar dessa oportunidade, fazer a mensagem de Deus chegar às pessoas por meio da arte dramática.

### **4.2. O Teatro Na Igreja**

#### **4.2.1. Paixão de Cristo Segundo Todo Mundo**

Uma visão contemporânea do Pe. Nereu de Castro Teixeira, para a paixão de Cristo, que num período que a Pastoral da Juventude tinha grande participação na vida da igreja como agentes de evangelização de grande força espiritual e política, inspirados por padres como Pe. Zezinho sej e muitos outros. Representar esse texto foi para mim motivador e como que uma “mola” propulsora para que o teatro fosse visto como instrumento de educação e aprendizagem de valores não somente religiosos, mas também políticos e éticos.

O texto traz uma visão de um Cristo Crucificado por nosso mundo atual pelas dores e opressões da massa trabalhadora e sofredora. Visão de um Brasil que sofre e que acredita em Deus.

Parece até mesmo um prenuncio do que seria minha atuação como arte-educador e como produtor e diretor teatral, minha primeira grande montagem com alunos em Teatro-Escola seria exatamente a Via – Sacra experiência ímpar com os alunos de Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), mas mais gratificante ter montado com alunos do Ensino Fundamental I (5º ano), posso reafirmar o texto da primeira apresentação: “Paixão de Jesus Cristo Segundo Todo Mundo”, para que todos entendam como é Amar até as últimas consequências. Mais, uma vez um rito da sagrada liturgia vira espetáculo teatral para transmitir o que se celebra na Semana Santa:

A Liturgia, pela qual, especialmente no sacrifício eucarístico, «se opera o fruto da nossa Redenção» (1), contribui em sumo grau para que os fiéis exprimam na vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja, que é simultaneamente humana e divina, visível e dotada de elementos invisíveis, empenhada na acção e dada à contemplação, presente no mundo e, todavia, peregrina, mas de forma que o que nela é humano se deve ordenar e subordinar ao divino, o visível ao invisível, a acção à contemplação, e o presente à cidade futura que buscamos (2). A Liturgia, ao mesmo tempo que edifica os que estão na Igreja em templo santo no Senhor, em morada de Deus no Espírito (3), até à medida da idade da plenitude de Cristo (4), robustece de modo admirável as suas energias para pregar Cristo e mostra a Igreja aos que estão fora, como sinal erguido entre as nações (5), para reunir à sua sombra os filhos de Deus dispersos (6), até que haja um só rebanho e um só pastor (7).<sup>13</sup>

#### **4.2.2. Serginho Leão, um inspirador que não pude ter a graça de conviver tão perto.**

Um irmão, e um apóstolo da juventude de Formosa-GO, nos anos 80, representam para mim um grande e ousado mestre da dramaturgia religiosa na Igreja Católica de Formosa nos anos 80 que inspirou- nos a fazer teatro mesmo numa época que poucos sabiam o que realmente era teatro ele fez o seu saber um serviço da evangelização e não nos preocupava a técnica e a perfeição mas levar a mensagem de Deus.

### **4.3. A Contribuição de Jerzy Grotowsky e Augusto Boal em Minha Prática**

Considerando as performances como ações físicas, então todo o rito sacralizado, são performances que nos possibilitam entender e crer, é baseado nisso que graças a graduação em Teatro saí da mera representação teatral para o Teatro engajado o que antes era compreendido como pequenas encenações de atos de fé laica, agora passam a ser performances (ações) físicas que levem a Assembleia a Crer.

---

<sup>13</sup> CONSTITUIÇÃO CONCILIAR *SACROSANCTUM CONCILIIUM* SOBRE A SAGRADA LITURGIA, disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vatii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html)

*A performance é primariamente comunicação corporal e à mágica no circuito; a comunicação verbal ocupa um papel secundário nessa expressão de arte. Isso explica porque certos especialistas encontram dificuldades em interpretar as formas de comunicação empregadas por certas tribos.<sup>14</sup>*

São indagações como essas que inspiraram em querer falar exatamente da importância do teatro para o ritual religioso, seja qual for a fé que ele se aplique, entender as culturas, as tribos, cuidar para que as identidades sejam compreendidas em suas ações físicas que culminam em performances teatrais-sacras sem serem alteradas pela ação do estudo que as observa. A performance é absolutamente fiel a suas origens, à sua forma matriz, que reaparece a cada nova apresentação. Na arte da *performance* a renovação confirma a presença da história, pela percepção visual representada no ritual.

Sim, uma performance que se compromete com o rito e a história que quer ser transmitida, pode a cada apresentação ser uma nova visão do “mesmo”, onde não será repetitivo, mas, renovará a fé. Como uma Missa de 1ª Eucaristia ou Crisma, ou até um Batismo nas águas ou ritual de iniciação de um guerreiro das tribos aborígenes do Brasil. Mesmo sendo, o mesmo rito ensaiado, serão únicas e serão artisticamente vivas para os olhos que a contemplam.

Já na experiência de Augusto Boal, é relevante muitas das suas colocações até porque ele traz uma contribuição para as Pastorais Sociais, em si ele começa o Teatro do Oprimido no auge do Movimento Sem Terra (Reforma Agrária) 1970, mas para o Trabalho, vamos ater-nos no livro Teatro Como Arte Marcial (1931), interessante quando Boal coloca-nos:

*“Um poeta Neozelandês, religioso, quis aprofundar no estudo da Bíblia... e levou um susto, logo no primeiro livro, Gênesis, está escrito que, no primeiro dia da Criação, Deus criou a luz para poder ver com nitidez o que estava fazendo e não se arrependeu depois...”<sup>15</sup>*

Boal segue este conto com A paixão e a Arte: “... *façamos aqui uso das suas palavras: A arte é um conjunto de sistemas sensoriais que permitem o ser humano – e só a eles fazer representações do real*”. (BOAL – 1931 – p. 44). Representar o real, o que seria representar o real, se não ritualizar a fé, ensaios marcados e compassados que reproduzem o que você acredita. Por fim, Grotowsky e Boal inspiram com suas afirmações um conceito próprio: “As Ações Físicas são a representação da Realidade na visão de cada grupo ou cultura, por isso, o ritual não pode ser visto senão como um

---

<sup>14</sup> GROTOWSKI, Jerzy – Performances e Ações Físicas

<sup>15</sup> BOAL, Augusto – Teatro como Arte Marcial – 1931 – Rio de Janeiro Garamond

instrumento artístico como já o dissera o Beato João Paulo II, meios e artifício para que possamos nos aproximar da fé em Deus.

#### **4.4. A Profissionalização e o Amadorismo**

Tudo teve o seu início com ensaios de pequenas Cias de Teatro Escola que motivaram o professor de matemática e ora de Educação Física a ter insight de Peças e Montagens Amadoras para os eventos da Escola com Alunos que se encantavam em atuar e tinham confiança no professor.

Tivemos alguns ensaios de Cia de teatro como os grupos: TEATRO METAMORFOSE, TEATRO FACE A FACE, mas o maior orgulho do Professor Renato Farinha é a caminhada com o TEATRO DE EVANGELIZAÇÃO que foi sua primeira experiência. Hoje ele trabalha com Ministério de Evangelização pela Arte (DAVI-RCC), ama e admira a experiência da IGREJA BATISTA no trabalho com teatro de evangelização, principalmente o MINISTERIO JEOVÁ NISSI - Belo Horizonte - MG.

A Cia de Teatro Tríade teve início em Julho de 2010, com o Espetáculo Mãos de Eurídice de Pedro Bloch, interpretado pelo Professor Renato Gomes (Renato Farinha), que já aluno do Pro-Licenciatura em Teatro da Universidade de Brasília apresenta esse texto No COMETA CENAS projeto de Extensão do CACEN e depois na Sala de Teatro Couros em Formosa-GO.

Começou tímida com a iniciativa ousada do Professor Renato e Três de seus alunos do PROJETO TEATRURA na UEG Formosa, Coordenado pela professora Nelma Geromel Moura Albuquerque, esse grupo teve algumas apresentações clássicas de Os Saltimbancos - Chico Buarque de Holanda. Não é por outro motivo a Cia de teatro Tríade, ter esse nome, a sua vivência como arte-evangelizador, levou ao desejo de que sua arte fosse missão e ouvindo as palavras do AMIGO e SACERDOTE Pe. Joaquim Regis Filho, quando de uma conversa de orientação: "Sai o humano fica o Divino", assumindo como símbolo da Companhia o Ícone da Santíssima Trindade. Agora com uma roupagem nova caminhando em busca da profissionalização junto ao SATED-GO, o professor Renato concluindo o 7º Semestre de Artes Cênicas pela Universidade de Brasília.

*"Se hoje atuamos com coração de homens somente atuamos para o Coração de Deus" <sup>16</sup>*

---

<sup>16</sup> Pe. Fábio de Melo scj. – CD de Deus um Cantador

Se você não acreditar naquilo que você é capaz de fazer; quem vai acreditar?

A visão sem ação, não passa de um sonho.

A ação sem visão é só um passatempo.

A visão com ação pode mudar o mundo. (Joel Backer)

"Atuar é humano, mas a arte, esta é divina". (Renato Farinha)

## **CAPÍTULO 5 - Considerações Finais: Ritual, Ensaio e Fé – Proximidade do Homem e de seus valores morais.**

### **5.1. A Pobreza do Teatro de Grotowski e a Riqueza para o ritual da Fé**

Interessante como Jerzy Grotowsky, fala inesperadamente a quem estuda Teatro, isso motiva o trabalho do estudante em querer continuar a partir do instante que percebe que:

*"(...) fazemos um jogo duplo de intelecto e instinto, pensamento e emoção; tentamos dividir-nos artificialmente em corpo e alma. (...) Em nossa busca de liberação atingimos o caos biológico." "A arte não é um estado da alma (no sentido de algum momento extraordinário e imprevisível de inspiração), nem um estado do homem (no sentido de uma profissão ou função social). A arte é um amadurecimento, uma evolução, uma ascensão que nos torna capazes de emergir da escuridão para uma luz fantástica" " como o material do ator é o próprio corpo, esse deve ser treinado para obedecer, para ser flexível, para responder passivamente aos impulsos psíquicos, como se não existisse no momento da criação - não oferecendo resistência alguma. A espontaneidade e a disciplina são os aspectos básicos do trabalho do ator, e exigem uma chave metódica " Segundo Grotowski, o fundamental no teatro é o trabalho com a platéia, não os cenários e os figurinos, iluminação, etc. Estas são apenas armadilhas, se elas podem ajudar a experiência teatral são desnecessárias ao significado central que o teatro pode gerar O pobre em seu teatro significa eliminar tudo que é desnecessário, deixando um ator ou atriz vulnerável e sem qualquer artifício. Na Polônia, seus espetáculos eram representados num espaço pequeno, com as paredes pintadas de preto, com atores apenas com vestimentas simples, muitas das vezes toda em preto. Seu processo de ensaio desenvolvia exercícios que levavam ao pleno controle de seus corpos para desenvolver um espetáculo que não deveria ter nada supérfluo, também sem luzes e efeitos de som, contrariando o cenário tradicional, sem uma área delimitada para a representação. A relação com os espectadores pretendia-se direta, no terreno da pura percepção e da comunhão. Se desafia assim a noção de que o teatro seria uma síntese de todas as artes, a literatura, a escultura, pintura, iluminação, etc..."<sup>17</sup>*

Desafiar a criação do Teatro a partir da síntese das artes, afirmo que não seria desafiar essa noção, mas desafiar o ator a sintetizar tudo isso em seu corpo e sua ação cênica de modo a transmitir a arte através de uma situação onde se veja o texto, o poema, a pintura e outras situações dramáticas ou não. Para a fé não procuramos um espetáculo, a Missa-Liturgia, o Culto-Protestante, o Culto-Afro, as Rodas de Mediunidade, são provas disso, não temos necessidade de enfeites e adornos, o Dirigente e seus gestos são suficientes para que a Assembléia veja o que a mensagem quer nos transmitir.

---

<sup>17</sup> GROTOWSKY, Jerzy – Em Busca de um Teatro Pobre

## 5.2. Acreditar por meio da Arte Concreta é Ser Artífice da Fé

Acreditar no que não se vê. Essa foi a grande lição dada ao apóstolo que não acreditou na ressurreição, mas nem por isso o ver, não está ligado ao ato de crer, por isso, o fato de que o ritual, a liturgia seja ensaiada e preparada como um grande teatro sagrado possibilita a muitos que sintam o que as palavras somente proclamadas não conseguem tocar.

Ao longo da história desde os primevos tempos, o ser humano precisou sentir e ver o que era acima dele, o que tinha mais “poder” que ele, logo, então essa verdade de que se precisa mostrar e ensinar o que se sentiu e aprendeu o que se tornou divino, é uma demonstração de que crer, é sinal pequeno de ritual, simplório, mas que nos leva a crer e esse sinal acontece em rituais comuns e até imperceptíveis a nossa razão mas que quando tocados pela sensação de que temos um ser maior nos é comovido um prazer em expressar de uma forma bela essa fé, aí surge o rito ensaiado e possibilita a criação artística da fé.

### ***O artista, imagem de Deus Criador.***

*Ninguém melhor do que vós, artistas, construtores geniais de beleza, pode intuir algo daquele pathos com que Deus, na aurora da criação, contemplou a obra das suas mãos. Infinitas vezes se espelhou um relance daquele sentimento no olhar com que vós — como, aliás, os artistas de todos os tempos —, maravilhados com o arcano poder dos sons e das palavras, das cores e das formas, vos pusestes a admirar a obra nascida do vosso génio artístico, quase sentindo o eco daquele mistério da criação a que Deus, único criador de todas as coisas, de algum modo vos quis associar.<sup>18</sup>*

Como diria João Paulo II, os artistas, artífices da criação, em suas mãos operam e ritualizam formas de levar o povo a presença de Deus, seja qual for a religiosidade do grupo os artistas sempre serão colaboradores da salvação e da boa nova de transformação do coração do homem. Então completando as palavras tem uma canção de Sergio Lopez, A Dor de Lázaro que em um dos trechos, fala da arte que gera vida:

*Outra vez Senhor, mostra o teu poder  
Transforma a morte em vida  
Pois em tua mãos a vida se formou  
Se hoje não te ver livre dessa cruz,  
Eu vou esperar! Mesmo que adormeças  
Sei que vais voltar!  
És a própria vida  
E jamais a morte te resistirá<sup>19</sup>*

<sup>18</sup> CARTA DO PAPA JOÃO PAULO II AOS ARTISTAS 1999 A todos aqueles que apaixonadamente procuram novas «epifânias» da beleza para oferecê-las ao mundo como criação artística

<sup>19</sup> Lopes, Sérgio – A dor de Lázaro – Line Records.

A morte não resiste à arte, mesmo distante de tudo sempre existe uma forma de representar a fé, ritualizar o que se crê, o homem como na canção dos homens tem a essência da arte. O ser humano é Artífice da Arte Sagrada.

## Referencias Bibliográficas

CARVALHAES, Claudio - RELAÇÕES ESTRANHAS: LITURGIA E TEATRO E A PERFORMANCE DO IMPOSSÍVEL

GEERTZ, Clifford, TRANSIÇÃO PARA A HUMANIDADE - RAPOSO, Paulo - Antropologia e Teatro.

RIBEIRO, Sileane – FOGO - Antonin Artaud - teatro e ritual

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL - COMUNHÃO E SERVIÇO: A PESSOA HUMANA CRIADA À IMAGEM DE DEUS - <http://www.vatican.va>

PEDUZZI Luiz O. Q. Física Aristotélica: Por Que Não Considerá-la no Ensino Da Mecânica? – Departamento de Física - Programa de Pós-Graduação em Educação/ Ensino de Ciências Naturais - Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis – SC.

SANTANA, Arão Nogueira de Paranaguá e VELOSO, Jorge das Graças - Módulo 14 – História da Arte Educação I. – UNB – 2009.

GROTOWSKY, Jerzy – Em Busca de um Teatro Pobre.

LOPES, Sérgio – A dor de Lázaro – Line Records.

MELO Pe. Fábio de scj. – CD de Deus um Cantador

REIS, Demian Moreira - A AÇÃO FÍSICA E A COMPOSIÇÃO DO ATOR DE GROTOWSKI

GROTOWSKI, Jerzy – Performances e Ações Físicas.

Bíblia Sagrada – João 21, 18

FIDES ET RATIO – Enciclica do Santo Padre Papa Joannes Paullus II – Vaticano.

D'AMBRÓSIO, Ubiratam – Etnomatemática – Arte ou técnica de explicar e conhecer – 2ª Edição – Ed. Ática – 1993.

CONSTITUIÇÃO CONCILIAR *SACROSANCTUM CONCILIUM* SOBRE A SAGRADA LITURGIA, disponível em:

[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vatii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html) - acesso em: 22 de setembro de 2013.

BOAL, Augusto – Teatro como Arte Marcial – 1931 – Rio de Janeiro Garamond.

*CARTA DO PAPA JOÃO PAULO II AOS ARTISTAS* 1999 A todos aqueles que apaixonadamente procuram novas «epifanias» da beleza para oferecê-las ao mundo como criação artística

# ANEXOS



ESCOLA MUNICIPAL DOMINGOS DE JESUS MONTEIRO GUIMARÃES – FORMOSA/GO - ENCENAÇÃO DA PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO  
QUARESMA 2003



ESCOLA MUNICIPAL DOMINGOS DE JESUS MONTEIRO GUIMARÃES – FORMOSA/GO - ENCENAÇÃO DA PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO  
QUARESMA 2003



ESCOLA MUNICIPAL DOMINGOS DE JESUS MONTEIRO GUIMARÃES – FORMOSA/GO - ENCENAÇÃO DA PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO  
QUARESMA 2003



ESCOLA MUNICIPAL DOMINGOS DE JESUS MONTEIRO GUIMARÃES – FORMOSA/GO - ENCENAÇÃO DA PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO  
QUARESMA 2003



Semana de Pedagogia 2004 – Universidade Estadual de Goiás/Unu – Formosa  
Performance “Os Sombras”



Encontro de Catadores de Material Reciclável – 2004 – Instituto Cultural Caminhando e  
Cantando e COOPER RECICLA



Peça: O Jardim do Inimigo Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM  
ADOLESCENTE - 2010



Peça: O Jardim do Inimigo Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM  
ADOLESCENTE - 2010



Peça: O Jardim do Inimigo Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM  
ADOLESCENTE - 2010



Peça: O Jardim do Inimigo Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM  
ADOLESCENTE - 2010



Peça: O Jardim do Inimigo Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM  
ADOLESCENTE – 2010



Folder da Programação do 50º COMETA CENAS



Participação no 49º COMETA CENAS UNB - Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM ADOLESCENTE – 2009.



Participação no 49º COMETA CENAS UNB - Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM ADOLESCENTE – 2009.



Participação no 49º COMETA CENAS UNB - Projeto TEATRURA – UEG e PRO-  
JOVEM ADOLESCENTE – 2009.



Participação no 49º COMETA CENAS UNB - Projeto TEATRURA – UEG e PRO-  
JOVEM ADOLESCENTE – 2009.



PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UEG



Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM ADOLESCENTE – 2009.



Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM ADOLESCENTE – 2009.



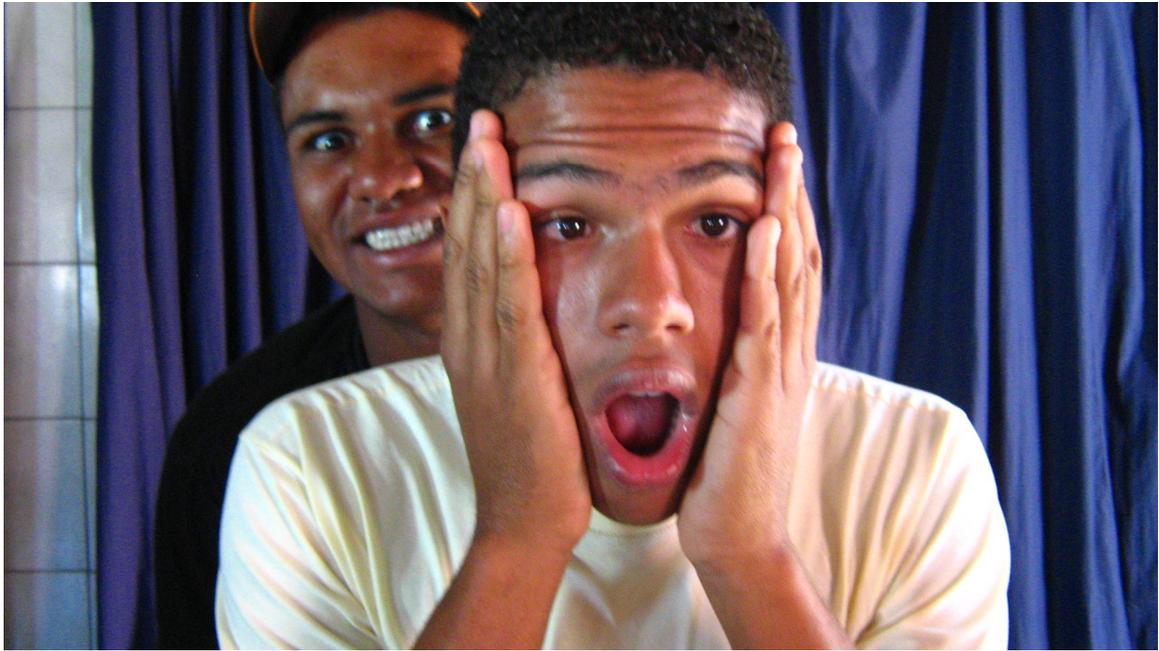
Participação no 49º COMETA CENAS UNB - Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM ADOLESCENTE – 2009.



Participação no 49º COMETA CENAS UNB - Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM ADOLESCENTE – 2009.



Participação no 49º COMETA CENAS UNB - Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM ADOLESCENTE – 2009.



Participação no 49º COMETA CENAS UNB - Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM ADOLESCENTE – 2009.



Peça o Jardim do Inimigo - Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM ADOLESCENTE – 2009.



Peça Os Saltimbancos - Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM ADOLESCENTE  
– 2008



Peça Os Saltimbancos - Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM ADOLESCENTE  
– 2008



Peça Os Saltimbancos - Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM ADOLESCENTE  
– 2008



Peça Os Saltimbancos - Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM ADOLESCENTE  
– 2008



Peça Os Saltimbancos - Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM ADOLESCENTE  
– 2008



Peça Os Saltimbancos - Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM ADOLESCENTE  
– 2008



Peça Os Saltimbancos - Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM ADOLESCENTE  
– 2008



Peça Os Saltimbancos - Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM ADOLESCENTE  
– 2008



Peça Os Saltimbancos - Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM ADOLESCENTE  
– 2008



Peça Os Saltimbancos - Projeto TEATRURA – UEG e PRO-JOVEM ADOLESCENTE  
– 2008



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – 2008 – FESTIVAL DE DANÇA  
FORMOSA: BRASIL COM CHEIRO DE PEQUI



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – 2008 – FESTIVAL DE DANÇA  
FORMOSA: BRASIL COM CHEIRO DE PEQUI



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – 2008 – FESTIVAL DE DANÇA  
FORMOSA: BRASIL COM CHEIRO DE PEQUI



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – 2008 – FESTIVAL DE DANÇA  
FORMOSA: BRASIL COM CHEIRO DE PEQUI



ESCOLA MUNICIPAL PE. DINO – FORMOSA/GO - ENCENAÇÃO DA PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO  
QUARESMA 2008



ESCOLA MUNICIPAL PE. DINO – FORMOSA/GO - ENCENAÇÃO DA PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO  
QUARESMA 2008



ESCOLA MUNICIPAL PE. DINO – FORMOSA/GO - ENCENAÇÃO DA PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO  
QUARESMA 2008



ESCOLA MUNICIPAL PE. DINO – FORMOSA/GO - ENCENAÇÃO DA PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO  
QUARESMA 2008



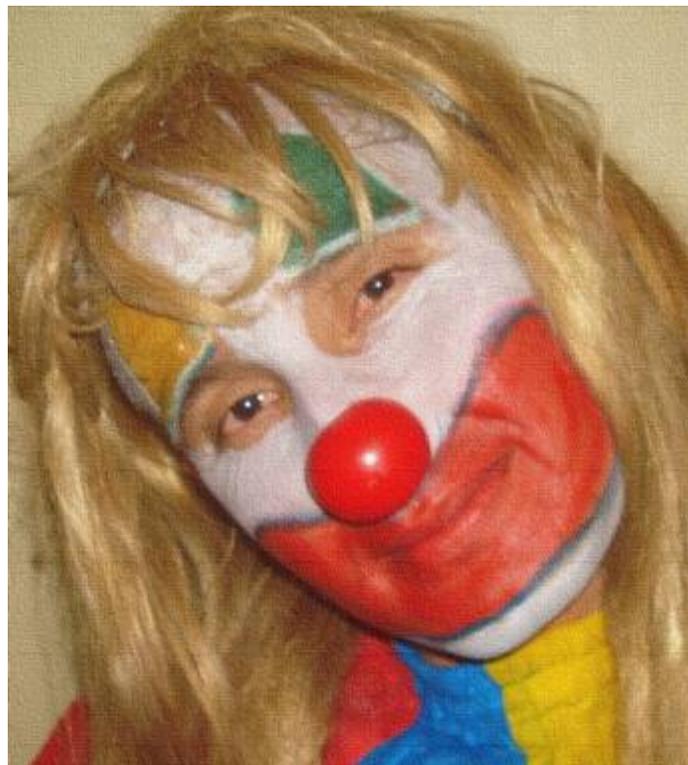
ESCOLA MUNICIPAL PE. DINO – FORMOSA/GO - ENCENAÇÃO DA PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO  
QUARESMA 2008



ESCOLA MUNICIPAL PE. DINO – FORMOSA/GO - ENCENAÇÃO DA PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO  
QUARESMA 2008



ESCOLA MUNICIPAL PE. DINO – FORMOSA/GO - ENCENAÇÃO DA PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO  
QUARESMA 2008



Palhaço Farofinha – 2010